



COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA: A CRONÍSTICA DE GASPAR DE CARVAJAL SOBRE EL *DESCUBRIMIENTO DEL RÍO DE LAS AMAZONAS*

Jocenilda Pires de Sousa do Rosário¹

RESUMO

O presente trabalho traz um estudo acerca da obra *Descubrimiento del río de las Amazonas*, escrita pelo frei espanhol Gaspar de Carvajal que apresenta a expedição de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro em 1541/1542 quando cruzaram o Rio Amazonas em busca de novas riquezas e novos territórios. O objetivo é compreender a colonização do território amazônico por meio da crônica do frei e que está inserida no discurso do colonizador, visto que as primeiras impressões do homem europeu sobre as novas terras estão presentes na obra, por isso foi escolhida diante de muitas narrativas que apresentam a Amazônia para o mundo, pois possui pontos muito importantes que revelam o olhar europeu sobre a América, também por servir de marco histórico no que diz respeito à colonização da Amazônia. Para isso, desenvolveram-se estudos bibliográficos sobre os temas, utilizando-se autores como Pizarro (2005), Heufemann-Barría (2014), Mignolo (1982) e Almeida (2013) entre outros.

Palavras-Chave: Amazônia, Colonização, Crônica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe apresentar as viagens de colonização da Amazônia por meio das narrativas. Para isso, utilizamos a pesquisa bibliográfica, tomando como base livros e artigos que trataram sobre o tema. Entre os livros estudados, destacamos a crônica de Gaspar de Carvajal, nascido em Trujillo (Extremadura espanhola) no ano de 1504, frei dominicano da Ordem de São Domingo de Gusmão² que foi designado a dar assistência espiritual ao governador de Quito, Gonzalo Pizarro, durante a viagem de achamento³ da Amazônia, no entanto, transforma-se como cronista, relatando todos os acontecimentos e fatos importantes. O religioso morreu em um convento, em Lima, no

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPA). E-mail: joufpa16@gmail.com

² [...] os frades dominicanos eram assim chamados não só por causa do fundador de sua Ordem (São Domingos) mas também para indicar a obediência e fidelidade deles: domini cani, “**cães do Senhor**” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 201, **grifos do autor**).

³ Neide Gondim trabalha com a ideia de que a “Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (GONDIM, 1994, p. 09).



ano de 1584. Vale ressaltar que seu texto é usado, ainda hoje, como documento oficial sobre a descoberta por descrever a Amazônia pela primeira vez.

O espírito aventureiro do frei e sua disposição para sair de sua terra e embarcar rumo à América merece destaque, afinal foi um missionário bastante atuante ao fundar conventos, governar e administrar instituições religiosas e dispor-se a acompanhar uma viagem por terras ainda desconhecidas. Sua crônica não deixa de mencionar características religiosas e aventureiras.

Uma primeira versão da crônica de Carvajal está presente na obra *Historia General y Natural de las Indias, islas y tierra firme del Mar Océano* de Gonzalo Fernández de Oviedo em 1542, com algumas modificações do texto original. Todavia, a obra analisada foi a transcrição feita pelo estudioso chileno José Toribio Medina, em 1895, baseada na cópia del Duque de T'Serclaes de Tilly doada à Biblioteca da Espanha em 5 de maio de 1961. Algumas informações não foram encontradas devido o documento original ter tido algumas partes cortadas em virtude de um descuidoso trabalho de encadernação

A versão de Toribio Medina que será tomada como base para as discussões deste trabalho, aparece com o nome *Descubrimiento del Río de las Amazonas, Relación de Gaspar de Carvajal*. A relação está dividida em doze partes que seguem a denominação feita de acordo com o avanço do tempo, espaços e fatos importantes na história. A trajetória descrita começa em Quito (1541), no Equador, e termina na foz do rio Amazonas, na Venezuela (1542).

É importante notar que a imagem da Amazônia foi sendo formada por meio das narrativas dos cronistas (meados do século XVI) que acompanhavam os colonizadores nas grandes viagens até esta parte do mundo. Muitas informações presentes na crônica de Gaspar de Carvajal foram fatores essenciais para as primeiras impressões da região e, conseqüentemente, para a formação de muitos conceitos que hoje conhecemos: terra de encantos, pulmão do mundo, natureza exuberante, lugar inóspito, Hiléia brasileira, etc.

Discutir este processo de conceituação e, conseqüentemente, de colonização da Amazônia desde as primeiras viagens colonizadoras, implica em nosso entendimento a respeito deste lugar. Pinto (2005) argumenta que a visão que temos atualmente sobre a Amazônia nos remete a alguns conceitos já formados. Essa construção histórica do



espaço tanto social quanto físico vai recebendo mudanças com o decorrer do tempo e com o aparecimento de novos discursos.

Hoje, quando se fala em Amazônia, estamos diante da produção de um novo senso comum sustentado pelas noções de meio ambiente, biodiversidade, sociodiversidade, desenvolvimento sustentável, populações ribeirinhas, povos da floresta, que são as expressões correntes e presentes em praticamente todos os escritos que têm sido produzidos sobre a região e que freqüentemente carregam consigo conteúdos de imobilismo social e conservadorismo romântico, quando se trata, sobretudo de lidar com a situação e o destino das populações locais (PINTO, 2005, p. 99).

Os primeiros relatos sobre a Amazônia serviram para formar os primeiros conceitos sobre a região. O modelo disso foi a crônica de Carvajal ao apresentar diversas características do lugar. O discurso do frei é marcado por aventuras, perigos, batalhas, mortes. É um aventureiro junto a Orellana e Pizarro que vai desvendando um lugar até então desconhecido. Participa diretamente das tomadas de decisão e nos momentos mais difíceis oferece ajuda espiritual aos expedicionários. Descreve cuidadosamente cada etapa da viagem e todos os acontecimentos nela presentes, por menores que sejam. Todos os relatos vão configurar o cenário de colonização da região.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na crônica de Gaspar de Carvajal descrevem-se os fatos importantes da expedição conquistadora de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro, como o contato com os povos indígenas que habitavam cada lugar, bem como alguns traços de suas culturas; caracterização dos povos e lugares, dando destaque à natureza. Algumas nomeações dadas por Carvajal, aos lugares pelos quais os expedicionários passavam, permanecem até a atualidade. Não podemos deixar de mencionar as muitas páginas dedicadas às Amazonas⁴, destacando seu modo de vida, suas características e sistema de governança.

A narrativa apresenta, por vezes, um tom religioso pautado na formação de Carvajal que justifica muitas atitudes dos expedicionários como vontade divina e,

⁴ Homero (siglo VIII a.C.) cita la existencia de tales señoras luchadoras ya en su *Iliada* y, en la primera vez que las cita, no es la forma convencional de amazona, pero como nombre propio, Mirina, el cual se supo a posteriori ser referencia a una de ellas, ya que en su época era “cosa sabida” el hecho de Mirina ser amazona y no explicitarlo más. Pero algunos versos adelante las llama amazonas. La palabra usada por Homero para describirlas es “rivales de los hombres”, pues todo héroe griego debería llevar, en su “currículo”, al menos una batalla, obligatoriamente seguida de una victoria, contra ellas (SANTOS, 2016, p. 03).



também, apresenta um tom de sofrimento diante de tantos momentos de tensão gerados pela busca constante de alimento e ataques de indígenas que tentam a qualquer custo defender seus territórios.

Os objetivos da viagem só ficam evidentes no início da narrativa: a busca por alimento. Depois, os relatos seguem a sequência de fatos vivenciados pelos viajantes, como o encontro com os indígenas, os diferentes povoados pelos quais passavam, além do combate com as Amazonas.

Na crônica estão relatadas todas as impressões vistas pelo frei que se utiliza de maneira cronológica dos fatos, desde a saída do Peru, até a desembocadura do Oceano Atlântico. No início da narrativa afirma que as informações que serão dadas “será como testigo de vista y hombre de quien Dios quiso dar parte de un tan nuevo y nunca visto descubrimiento [...]” (CARVAJAL, 2011, p. 10). Para Almeida (2013, p. 102-103):

[...] o cronista sempre se colocava como testemunha. Dessa forma, seu discurso estaria amparado por uma autoridade, minimizando as possibilidades de refutação de seus registros.

Vale ressaltar, que uma crônica escrita por um frei, membro do clero, tendo uma ocupação religiosa, possui maior valor documental garantindo veracidade ao que está sendo narrado. De fato, tudo que se observa está relatado na crônica. Desde a geografia, povos, línguas, culturas, até uma abordagem imaginativa sobre o descobrimento, como a busca da especiaria da época (canela) no País da Canela e a presença do mito das Amazonas.

Diante de um novo espaço que se apresentava aos olhos dos europeus com uma natureza exuberante e pessoas desprovidas de costumes e de religiosidade, era necessário descrever tudo que se avistava, por mais desconhecido que fosse da cultura europeia, buscando sempre as explicações e entendimentos baseados no que caracterizava o Velho Mundo, realidade vividas pelos conquistadores.

As narrativas de viagem terão papel fundamental ao registrar o novo espaço, visto que no período colonial os escritos sobre os descobrimentos e conquistas eram representados através destas narrativas que objetivavam informar sobre todos os acontecimentos. Para Mignolo (1982, p. 19) “em seu sentido medieval, é uma lista organizada sobre as datas e acontecimentos que se desejavam conservar na memória [...]”.



Segundo Walter Mignolo (1982) essas narrativas continham alguns problemas quanto à compreensão, visto que cada tipo discursivo apresentava suas características específicas, como as cartas, por exemplo, enquanto primeiras manifestações escritas para descrever as novas terras. Nos relatos sobre o Novo Mundo, Cristóvão Colombo além de utilizá-las, fazia uso de seu Diário de Navegação que também apresentava escritos sobre o descobrimento. Segundo Heufemann-Barría (2014, p. 53):

La carta [...] tiene un destinatario y es la información verbal en la que se describe la posición de las nuevas tierras, tiene carácter documental, de informe o solicitud, escrita por conquistadores y/o navegantes, destinadas al monarca o a sus representantes en Indias.

Neste período de colonização tanto a coroa portuguesa quanto a espanhola, desejavam manter-se informadas sobre tudo que ocorria nas novas terras. Dessa forma, surgem as relações que “têm em seu sentido mais específico de relato/informe solicitado pela coroa” (MIGNOLO, 1982, p. 14). Passaram a ser obrigatórias para qualquer conquistador, onde deveria informar sobre a natureza, povos, clima, proximidade com outro lugar. A relação sobre o descobrimento do famoso Rio das Amazonas feita pelo frei Gaspar de Carvajal de Gaspar de Carvajal constitui uma das mais importantes e se transforma em um molde de novos textos como de Toribio de Ortiguera y Gonzalo Fernández de Oviedo sobre o descobrimento da América.

Após as primeiras viagens de Colombo ao Novo Mundo, os escritos que passaram a caracterizar o novo lugar foram dos mais variados. Muitos destes, feitos por cronistas, atribuíam uma visão por vezes equivocada e/ou fantasiosa do ambiente, escrevendo o que se desejava ler, como a grande possibilidade de existência de riquezas, proposta de conquista do lugar, descrição dos habitantes e do novo espaço, etc. Assim, muitos escritos seguiam a lógica dos acontecimentos históricos, outros, possuíam relatos fantasiosos, fabulosos, que seguiam a imaginação dos cronistas presentes nas expedições conquistadoras do Novo Mundo.

Os viajantes, acompanhados de representantes religiosos ou cronistas que formulariam os discursos da descoberta, estavam imbricados no projeto grandioso das coroas portuguesa e espanhola de conquista de novos territórios e construção de um espaço colonial para ser explorado e conquistado.

Neste contexto, Pedro (2004, p. 06) considera que:



As primeiras expedições do século XVI produziram relatos que tiveram repercussão como fundadoras da presença européia no Amazonas. São registros escritos que carregam uma carga temática, uma leitura do universo amazônico que não resulta apenas da dinâmica das águas e das florestas, mas também das expectativas, idéias e representações, previamente concebidas sobre a região amazônica.

A descrição da nova realidade registra a descoberta e cristaliza a memória do descobrimento (PEDRO, 2004). Partindo da visão do homem ainda medieval, as narrativas representavam o olhar do outro sobre o Novo Mundo. Neste contexto, foram várias as expedições que chegaram à América para conhecer melhor o novo lugar, bem como explorar as riquezas descritas pelos primeiros cronistas. Ressaltam-se as expedições de Cortez (1519), Alonso de Mercadillo (1538), Pedro de Úrsua (1560), Hans Staden (1599), Bernal Días de Castillo (1632), Alonso de Rojas (1639) e Christóbal de Acuña (1641).

A nova realidade que se apresentava, por vezes causava espanto aos conquistadores, em outros casos, proporcionava o maravilhoso, “[...] elemento literário, perfectamente fusionado con lo real en las obras de la Edad Media, y en parte del Renacimiento [...]” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2014, p. 119). Muitos elementos dessa nova realidade estão presentes na crônica de Gaspar de Carvajal sobre a Amazônia.

Ao descrever o novo ambiente, Carvajal vai incorporando-o à narrativa. Assim, apresenta inicialmente a natureza, descrevendo-a em sua grandiosidade:

[...] a tierra es tan buena, tan fértil y tan al natural como la de nuestra España, que nosotros entramos en ella por San Juan y comenzaban los indios a quemar los campos. Es tierra templada, adonde se cogerá mucho trigo y se darán todos los frutales; de más desto, es aparejada para criar todo ganado, porque en ella hay muchas yerbas, como en nuestra España, como orégano y [...] (CARVAJAL, 2011, p. 55).

Em vários povoados pelos quais iam passando, aspectos da natureza vão chamando a atenção, como a grandiosidade dos rios, cenário de grande parte da aventura vivida por Orellana.

De aquí fuimos a la vela, aguardando la marea, dando bordos a un cabo y a otro, que bien había por dónde según el río era ancho, aunque íbamos entre islas, pues no estábamos en poco peligro cuando aguardábamos la marea, pero como no teníamos rejonas, estábamos amarrados a unas piedras (CARVAJAL, 2011, p. 67).



A organização social dos povos também é bastante descrita por Carvajal, que por vezes incorpora aspectos do imaginário em seu discurso. Para Pizarro (2005, p. 04):

La Amazonía como espacio físico y humano, cultural, tenía elementos que actuaban como dispositivos simbólicos en el ocupante, gatillándole conexiones semióticas del imaginario, permitiéndole construir con lo que veía un universo mítico, que respondía a sus carencias, expectativas, necesidades físicas y espirituales.

Um discurso pautado no olhar europeu sobre o Novo Mundo e que, por vezes, não se limitava em descrever somente as etapas da viagem, mas que incorporava elementos do imaginário para explicar aquilo que não era compreendido ou não fazia parte da realidade da Europa.

É evidente que o conceito de Amazônia vem sendo formado desde a chegada do primeiro europeu à região. Já foi descrita por meio de diversos diários de navegação, crônicas de viagens, relatos, cartas, iconografias, romances, reportagens, etc. Diferentes pontos de vista dependendo do momento histórico descrito. Dessa forma, torna-se importante compreender como se firmou o conceito do que é a Amazônia hoje que implicou diretamente na colonização do lugar. Sem dúvidas, os discursos sobre a região possuem grande importância na formação do que conhecemos a respeito do lugar.

Os textos fundadores da Amazônia estavam baseados em outros que continham evidências das viagens colonizadoras à América, os mesmos escritos que descreviam as riquezas, as belezas naturais, o paraíso, os monstros, as Amazonas, tudo que caracterizava o novo espaço, no ideário dos colonizadores, fazia parte dos discursos de conquista do novo território. Para Almeida (2013, p. 68):

[...] há que se avaliar que a conquista da América se garantiu principalmente em termos da construção de um discurso, em que aspectos do ideário do descobridor e do conquistador demonstraram-se tão eficientes quanto as suas próprias ações.

De acordo com Bueno (2008) existe uma representação da Amazônia que foi construída por meio dos discursos, que não foram construídos especificamente sobre a realidade amazônica, mas a partir de outros discursos sobre a Amazônia, o Novo Mundo, a América, as Índias, no auge das grandes viagens marítimas.



Gondim (1994) também evidencia que há uma “invenção” do termo Amazônia por meio dos discursos que a caracterizam. Dessa forma, “[...] a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (GONDIM, 1994, p. 09).

Diante de muitas descrições sobre a região, mediante os discursos cronísticos, aos poucos a Amazônia foi sendo conceituada, mesmo que fosse por meio de uma mentalidade europeia baseada no imaginário, onde os cronistas pautavam seus discursos “[...] em suas experiências etnocêntrica e cristianizada, a respeito do Novo Mundo [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 68).

A partir dos conceitos formados e pautados na mentalidade europeia, Ugarte (2003) afirma que os conquistadores utilizavam as narrativas para poder transmitir as imagens mentais sobre a região, causando assim menos estranhamento às novidades que seriam narradas e/ou contadas. Essas imagens que estavam presentes na literatura dos viajantes produziram um transplante do imaginário medieval para essas terras. Essas características ficaram evidentes nos diversos discursos elaborados por diferentes cronistas que estiveram nesta região e em diferentes épocas.

É importante ressaltar neste trabalho, as descrições feitas pelo frei Gaspar de Carvajal ao descrever a Amazônia em meados do século XVI. O discurso de Carvajal analisado neste trabalho, objetiva compreender como os ideais medievais fizeram parte das posturas assumidas pelo cronista para descrever e conceituar a Amazônia no contexto de colonização do lugar. “Foi graças a esses meios que a Amazônia, juntamente com outras regiões do continente americano, foi sendo introduzida no imaginário europeu ocidental” (UGARTE, 2003, p. 04).

Em meados do século XVI, a viagem feita por Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro apresentou a Amazônia para o mundo. No início da narrativa, o cronista da expedição, Gaspar de Carvajal, apresenta o contexto histórico do Peru e menciona o mito que impulsionou a viagem conquistadora: a existência do País da Canela. A narrativa apresenta em sequência os fatos segundo vão acontecendo.

É necessário destacar que os expedicionários desconheciam os lugares por onde passavam o que dificultou muito o desfecho da “aventura”. A narrativa segue uma sequência de muitos momentos importantes que faz com que o leitor fique à espera do próximo episódio vivido pelos expedicionários, por tantos momentos de tensão evidentes. Afinal, o começo da narrativa traça os reais objetivos da viagem, todavia logo



é evidenciado um dos problemas que mais perturbarão a mente dos viajantes: a falta de comida.

Em meio a tantos problemas, surge a imagem do frei, enquanto membro religioso e responsável por dar assistência espiritual aos expedicionários, “[...] españoles, venidos de un siglo áureo e integrados con valores medievales y renascentistas [...]” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2014, p. 68). Destaca-se que em muitos momentos na narrativa, Carvajal faz menções à providência divina, na busca de conforto nos momentos difíceis que tiveram que enfrentar. Essa forte presença da figura de Deus mostra o frei enquanto seu representante na terra, pronto para defendê-lo, assim como, aos interesses do Rei. Isso se torna evidente ao longo de toda a narrativa. Não é a toa que faz inúmeras referências à figura divina na tentativa de amenizar os espantos e perigos vividos. Em muitos momentos torna-se a explicação para o desconhecido. Para Almeida (2013, p. 95): “[...] tende-se a explicar os acontecimentos em diferentes esferas, mas precipuamente a partir da providência divina e, em outras vezes, os elementos resgatados da cultura antiga”.

Desde o início do relato, por meio das descrições feitas por Carvajal, observamos uma forte presença da natureza, enquanto elemento essencial no decorrer da expedição, ora por proporcionar descanso, alimento à expedição, ora por servir de obstáculo na busca de um território seguro. Essa mesma natureza que vai sendo superada diante de muitos problemas enfrentados, recebe muitas denominações, principalmente os rios que são parte importante na trajetória de Orellana.

Desde o primeiro encontro com os primeiros povos muitas observações foram feitas pelos expedicionários. No primeiro povoado encontrado, houve uma boa receptividade. Os índios “[...] andaban como bobos por el río” (CARVAJAL, 2011, p. 15). Ainda: “[...] los indios no dejaban de acudir y venir al capitán y traerle de comer muy largo y con tanto orden como se toda su vida hubiera servido” (Ibidem, p. 17). Apesar da amigável recepção, os europeus sempre ficavam atentos a qualquer sinal de perigo que pudesse ser manifestado pelos índios. Em outro povoado, os conquistadores explicam o porquê de suas presenças naquelas terras:

[...] éramos criados y vassallos del Emperador de los cristianos, gran rey de España, y se llamaba Dom Carlos nuestro señor, cuyo es el império de todas las Indias y otros mucho señoríos y reinos que hay en el mundo, y que por su mandado íbamos a aquella tierra, y que le íbamos a dar razón de lo que habíamos visto em ella (CARVAJAL, 2011, p. 23)



Tendo em vista a boa receptividade dos índios “y en señal de posesión mandó poner una cruz muy alta, con la cual los índios se holgaran [...]” (CARVAJAL, 2011, p. 24). Neste momento nota-se uma tentativa de impor o cristianismo para representar a tomada de posse daquelas terras pela empresa colonizadora, pois “O bom rei era aquele capaz de conduzir o seu reino para a salvação, sendo bom, justo e propagador da fé cristã” (ZIERER, 2003, p. 02). O colonizador sempre devia obediência a Deus e à Coroa neste processo de colonização.

O mito das mulheres guerreiras apresentado por Carvajal em sua narrativa possui referências a partir de outras aparições de sociedades dominadas por mulheres. Conforme destaca Santos (2016, p. 03): “El mito de las amazonas se forma a partir de indicadores sociales característicamente atenienses, como el patriarcalismo, la guerra, el sexo, política, transición de la edad infantil a la adulta y el matrimonio”. Na crônica muitos desses elementos ficam evidentes, como a descrição da preparação para um momento de guerra:

[...] con sus arcos y flechas en las manos haciendo tanta guerra como diez indios, y en verdad que hubo mujer destas que metió un palmo de flecha por unos de los bergantines y otras qué menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín (CARVAJAL, 2011, p. 52).

A presença do mito das Amazonas na narrativa de Carvajal representa a afirmação do pensamento medieval por meio da permanência do mito em outro lugar, cujo mesmo será difundido em outros textos que tratam da Amazônia. A importância do relato do frei deve-se ao contato com as mulheres, tornando-se o único que conta sobre o encontro com as Amazonas.

Por defender a presença dessas mulheres no Novo Mundo, ao descobrirem um rio, por acaso, atribuem o nome como uma referência: Rio das Amazonas. Perdendo o primeiro nome: Rio de Orellana, “que descubrió, por muy gran ventura [...] desde su nacimiento hasta salir a la mar” (CARVAJAL, 2011, p. 07). Anos mais tarde, viria a configurar-se o que conhecemos como Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar a relação do frei Gaspar de Carvajal sobre o *Descubrimiento del Río de las Amazonas*, produto da viagem conquistadora de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro, em 1541/1542, verificamos que o processo de achamento da



Amazônia representa um importante momento no cenário de colonização da América por trazer o conteúdo histórico daquele período, proporcionando a formação dos primeiros conceitos referentes ao lugar ou ainda pela presença do imaginário europeu por meio da reaparição do mito das Amazonas.

Ressaltamos neste trabalho, uma das primeiras visões sobre a região apresentada por meio das descrições feitas por Carvajal em sua relação. Na obra, a Amazônia mostra-se como um espaço onde a natureza, ainda desconhecida, configura-se como essencial para a sobrevivência dos expedicionários e como espaço onde habita o imaginário, como as Amazonas. Essas primeiras descrições fizeram parte de muitos relatos da época de colonização da América e, conseqüentemente, da Amazônia, proporcionando a formação de muitos conceitos referentes ao lugar.

Assim, ressalta-se a importância do relato de Gaspar de Carvajal como parte integrante da formação dos conceitos que caracterizam a Amazônia. Também, por apresentar a região ao Velho Mundo, mesmo que fosse necessário forjar uma realidade que era descrita pelos relatos dos cronistas que vinham acompanhar as viagens colonizadoras. Conforme salienta Ugarte (2003, p. 04) eles “transmitiam aos leitores e ouvintes determinadas imagens mentais, que tornavam menos estranhas as novidades dos territórios desbravados”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlo Henrique Lopes de. **A vocação literária no pensamento historiográfico de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés**. 2013.160 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFG, 2013.

AMAZONAS. Disponível em: <<http://www.solonosotras.com/archivo/02/cult-mit-050700.htm>> Acesso em: 24 maio 2017.

BENÍTES, M.J. **Entre el asombro y el espanto: un acercamiento a la Relación de Fray Gaspar de Carvajal por el Río Grande de las Amazonas**. Revista Telar, n. 6, p. 54-74. 2008. Disponível em: <<http://revistatelar.ct.unt.edu.ar/index.php/revistatelar/article/view/170>>. Fecha de acceso: 03 jan. 2017.

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 23, jan./jun. de 2008.

CARVAJAL, Fray G. de. **Relación del Descubrimiento del Río de las Amazonas**. Edición y notas de Nieves Pinillos Iglesias, realizada para Babelia, Madrid, 2011.



FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948- **A Idade média: nascimento do ocidente** / Hilário Franco Júnior. -- 2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo : Brasiliense, 2001.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**, São Paulo, Marco Zero, 1994.

HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. **Orellana, Ursúa y Lope de Aguirre: Sus hazañas novelescas por el Río Amazonas (siglo XVI)**. 2ª EDICIÓN, La Mirada Malva, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista**.1982.

PEDRO, Juliana de Castro. **Descobrimientos no Alto Amazonas. Crônicas e Relatos na Colonização da América**. XVII Encontro Nacional de História – O Lugar da História. Campinas, UNICAMP, 2004.

PINTO, Renan Freitas. A viagem das ideias. **Revista de Estudos Avançados**. Vol. 19, nº 53. São Paulo Jan./Abr. 2005.

PIZARRO, Ana. Imaginario y Discurso: La Amazonía. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. Universidad de Santiago de Chile, Año XXXI, Nº 61. Lima-Hanover, 2005.

ROJAS MIX, M. Los monstruos: ¿mitos legitimación de la conquista?. In: PIZARRO, A. M. **América Latina: palabra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993.

SANTOS, Rossemildo da Siva. **LA AMAZONOMAQUIA DE GASPAR DE CARVAJAL**. (Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Acre, Brasil), 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Digital Source, 1981.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: PRIORE, Mary Del & GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Os Senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. **Paraíso terrestre e reino perfeito na carta do Preste João das índias**. ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa, 2003.